

Internacional

— ESPECIAL: CONGO —

A maior guerra do mundo



Chacinas, estupros de mulheres e sequestros de crianças são armas de guerra no Congo. É o mais sangrento conflito desde a 2ª Guerra

Adriana Carranca

ENVIA DA ESPECIAL
LWIBO, REP. DEMOCRÁTICA DO CONGO

Dessa vez, nem esperaram o disfarce da noite. Atacam às claras, surpreendendo os aldeões na lavoura. Em 11 horas, calcula Geni Mungo olhando para o céu – o relógio natural de Lwibo, vilarejo na Província de Kivu do Norte, na fronteira oriental da República Democrática do Congo. Ela os viu chegar de longe, pelo mato. Correu para casa para avisar os três filhos sobre o ataque, mas, ao saírem, os rebeldes estavam muito perto.

Alcançaram primeiro seu marido, abatido como um bicho. Ela titubeou, mas sabia que não poderia salvá-lo. Seguiu em direção ao rio. Moradores tentavam escapar, imaginando poder atravessar para o outro lado e sumir na mata. Alcançaram a ponte frágil de madeira. Armados com facões, os rebeldes cortaram as cordas.

Geni viu os corpos das duas filhas serem arrastados pela correnteza de outubro, mês das chuvas. Forçou com o caçula um esconderijo sob folhas de bananeira e ali ficaram até cessarem os gritos. Voltou à vila e encontrou a cabeça do marido, como as de outros homens da aldeia, secando ao sol em estacas – a marca do grupo liderado por um homem chamado Sheka.

O bando saqueou e botou fogo nas palhoças. Fugiu levando 45 crianças que estavam na pequena escola da vila no momento do ataque. Os meninos são

feitos soldados. As meninas, escravizadas sexuais.

Dois dias após o ataque, quando o Estado visitou o local, os gritos de um professor de 25 anos, chamando cada aluno pelo nome, ainda ecoavam na mata – em vão. Ele tinha esperança de que as crianças, de 6 a 12 anos, assustadas, estivessem escondidas. O professor e todos à sua volta sabiam que isso era improvável. Geni buscava o corpo do marido – queria enterrá-lo inteiro – e os das filhas.

Assim se vive no Congo (antigo Zaire), buscando os desaparecidos e recolhendo corpos no rastro de ataques que ocorrem com frequência assustadora.

Em quase duas décadas, os confrontos no leste do país deixaram cerca de 6 milhões de mortos. É o maior e mais sangrento conflito desde a 2ª Guerra, produziu mais vítimas do que todos os combates recentes somados. É o holocausto africano. Mas pouco se ouve falar sobre ele porque ocorre na floresta densa de um continente esquecido, a África, não mata brancos, não ameaça o Ocidente. Pelo menos, até agora.

O Congo é a maior e mais cara missão da ONU. E o retrato mais visível de seu fracasso. “Muzungu! Muzungu!”, gritam as crianças ao ver uma equipe da organização Médicos sem Fronteiras (MSF), que chega para atender feridos. Não há. Nesse tipo de ataque, os rebeldes não deixam vivos para trás – matam os que podem alcançar. A ajuda humanitária trata outros fantasmas que assombram o Congo:

malária, sarampo, cólera, desnutrição, infecções, traumas. Muzungu quer dizer branco – a MSF é uma das raras entidades que chegam à região remota, com acesso dificultado por estradas esburacadas, enlameadas e dominadas por grupos armados.

Lwibo fica em uma área limítrofe entre territórios controlados pela Aliança de Patriotas por um Congo Livre e Soberano (APCLS), formado por homens da etnia hunde, e as Forças Democráticas para a Liberação de Ruanda (FDLR), de hutus (veja mapa na página A15). Numa espécie de vácuo, o vilarejo fica exposto a ataques de forasteiros como Sheka, de outra região – o que faz com que a população prefira estar sob a mão pesada de um grupo rebelde de sua etnia, que lhes cobra impostos em troca de proteção.

As chacinas de homens, os estupros de mulheres e os sequestros de crianças tornaram-se armas de guerra no Congo. Servem para humilhar o oponente e mandar-lhe um recado: não mexa com a minha área ou vou invadir seu território e massacrar seu povo.

Cobiça. É uma guerra travestida de conflito étnico, mas que esconde interesses mundanos: os tribos de dólares enterrados no solo vermelho do leste do Congo. O maior país da África subsaariana é também o mais rico em recursos naturais, confiscados desde a colonização belga. Hoje, essa riqueza financia as milícias sem que o po-

vo veja um tostão. Ao contrário disso, são explorados no trabalho pesado das minas.

Ouro, diamantes, coltan – minério que contém tântalo, usado em aparelhos de celular e tablets – são contrabandeados para países vizinhos como Ruanda, Uganda e Burundi. Calcula-se que apenas 10% das minas do Congo sejam exploradas legalmente.

O comandante Sheka era responsável por um dos centros de negociações de minérios da estrada entre Lobuto e Walikali, onde estão pequenas aldeias satélites das minas escondidas na floresta. Um dia, ele matou o patrão, roubou seu dinheiro e iniciou seu próprio grupo Mai-Mai – nome dado às gangues locais, com interesse puramente econômico.

Em uma pista improvisada de pouso na altura de Kilambo, pequenos aviões aterrissam e decolam com frequência. “Trazem equipamentos para mineração e voltam levando sacos de minerais”, disse ao Estado o especialista de uma organização internacional, há sete anos no Congo. “O destino oficial é Goma, mas extraoficialmente... Como explicar que Ruanda e Uganda se tornaram exportadores de minérios? Onde estão suas minas? Vendem para mercados como a China e, de lá, para EUA e Europa, que lavam as mãos sobre a procedência.”

O governo congolês é visto como fraco e corrupto. Enquanto a reportagem con-



Leia amanhã:

Entrevista com general Carlos Alberto dos Santos Cruz, chefe das tropas de paz da ONU

Geni. Viu o marido ser abatido como bicho e duas filhas serem arrastadas pelas águas de um rio

Congo não é possível saber a idade – a desnutrição impede o crescimento, enquanto a guerra endurece o semblante e envelhece seus rostos, enrugados e com marcas de navalha. São crianças velhas.

Entre Lwibo e Masisi, havia pelo menos três postos de checagem: cabanas de madeira e cancelas de bambu, onde os rebeldes cobram pedágio de camponeses que passam com banana, mandioca, amendoim para vender no vilarejo mais próximo – tomam-lhes algo como 10% da colheita. “Todos os grupos armados sobrevivem da exploração das minas. É uma questão-chave desse conflito. Os impostos são um complemento”, disse o especialista.

O Estado viu minas de coltan – pequenas Serras Peladas negras – e, à noite, caminhões sendo abastecidos com o material sob a vigilância dos rebeldes. Um bando armado estava a 500 metros da base da Missão da ONU em Nyabundo. Dois jovens se aproximaram do carro da MSF, que transportava uma grávida em trabalho de parto. Só se vê o brilho do cano de seus fuzis e o branco dos olhos. Querem revistar o carro. “MSF”, avisa o motorista. A organização, neutra, não permite que homens armados entrem no carro e trafeguem sem segurança. “Sigam! Um cigarro!”, eles pedem. É somem na escuridão.

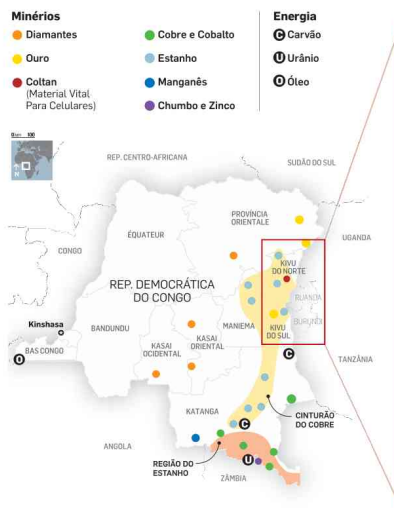
À luz do dia, controlam vilarejos e estradas. Vigiam seus impérios miseráveis do alto de pequenos montes – milicianos desleixados e maltrapilhos, armados com fuzis de assalto, o cinturão de balas à tiracolo, óculos escuros com o aro irremediavelmente dourado e um cigarro de bangi (a maconha congolês). Pela estatura, alguns aparentam ter 11 ou 12 anos, mas num país como o



Em Luta. Grupos armados controlam minas

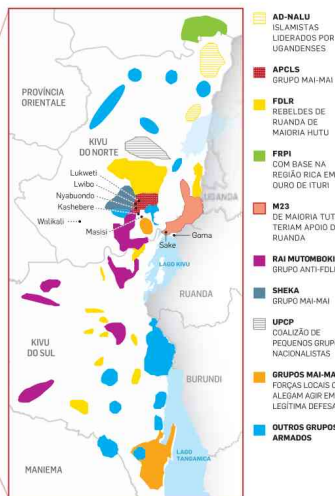
OS LUCROS DO CONFLITO

● A exploração de minas, que valem trilhões de dólares, financia grupos rebeldes no leste da República Democrática do Congo



Grupos Rebeldes

Forças da ONU e do exército congolês estão presentes nas grandes cidades



Novo grupo islâmico atua em conflito e preocupa ONU

'Estado' tem acesso a relatório sobre o treinamento militar de extremistas em ilha do Lago Vitória

GOMA

Um grupo extremista islâmico passou a ser uma das maiores preocupações da comunidade internacional na República Democrática do Congo. Vídeos que integram um relatório interno da ONU, ao qual o Estado teve acesso, mostram imagens gravadas de um campo de doutrina religiosa e treinamento militar, supostamente mantido pelo grupo, em uma ilha do Lago Vitória, entre Tanzânia, Uganda e Quênia, que antes se acreditava deserta. Os recrutas são, em sua maioria, mulheres e crianças.

"Os vídeos são assustadores porque você vê muitas crianças", disse ao Estado um funcionário da ONU que teve acesso às imagens. "Quando se fala em crianças soldados, normalmente são meninos de 15, 16, 17 anos. Mas, neste caso, são realmente pequenos e já aprendem o Alcorão. E outros, de uns 8 anos, armam e desarmam Kalashnikovs em tempo recorde diante de treinadores com um cronômetro."

Os homens têm a barba longa e alguns deles usam turbantes as mulheres sequestradas são obrigadas a usar burca. "Quando iniciam a saudação militar, de dentro das vestes, surgem as Kalashnikovs. Foi uma surpresa."

Segundo o diagnóstico entregue à ONU, o grupo sequestrou pelo menos 170 pessoas desde novembro. "Não temos notícias de nenhuma dessas pessoas desde então. Não foi pedido resgate e não encontramos corpos. Entre eles, há três padres."

O ADF foi formado por seguidores do ex-ditador da Uganda, Idi Amin Dada, de uma família de convertidos ao Islã. Há um mês, a ONU criou uma força-tarefa para acompanhar os movimentos do grupo. Segundo o relatório, há quenianos, ugandenses e outros de origem incerta que falam árabe.

"Sabemos que recebem dinheiro do Oriente Médio. E, ao contrário de outros grupos que cobram impostos de moradores, o ADF investe em pequenos negócios, como mototáxis e padarias, e fica com parte dos lucros", diz o funcionário da ONU.

O grupo tem entre 1,5 mil e 3 mil combatentes e controla partes da Província Oriental, na fronteira com Uganda, além das estradas entre Beni e Kamungo e entre Beni e Kasindi.

"O ADF é uma preocupação porque está aumentando e reforçando sua presença no norte, tem forte ideologia e está desenvolvendo uma rede de negócios", admitiu o chefe do escritório da ONU em Goma, no leste do Congo, Ray Torres. "Temos informações de que planejam uma operação contra as forças do Congo. Por isso, é preciso monitorá-los." /A.C.



NA WEB
Vídeo. Os desafios da ajuda humanitária no Congo
tv.estadao.com.br



PARA ENTENDER

Ruanda, o início da crise

O conflito na República Democrática do Congo está diretamente ligado ao genocídio em Ruanda, em 1994, quando morreram quase 1 milhão de pessoas, em sua maioria tutsis massacrados por hutus. A tensão étnica cruzou a fronteira para as terras sem lei do leste

do Congo, onde grupos rebeldes começaram a se organizar e a ocupar as áreas ricas em minérios.

Uganda e Ruanda invadiram o Congo em 1997, depouso Mobutu Sese Seko, o ditador que liderou a nação por 32 anos. Em seu lugar, assumiu Laurent-Désiré Kabila, que foi assassinado por um guarda-costas, em 2001, e sucedido pelo filho, Joseph Kabila.

As tropas estrangeiras se retiraram oficialmente no início dos anos 2000 e deram lugar aos capacetes azuis da ONU. Isso não evitou os conflitos e o escomento de milhões em riquezas congoleesas pelas fronteiras. Os vizinhos são acusados de ajudar grupos rebeldes como o M23, que em dezembro tomou de assalto Goma, a principal cidade do leste do Congo e centro das

operações da ONU.

"O M23 assumiu parte do lucrativo comércio de ouro, contrabandeado através de Uganda e Burundi e vendido para os Emirados Árabes Unidos, antes de ir para os bancos e joalherias que compõem 80% da demanda global de ouro", diz o relatório divulgado no dia 9 pela ONG Enough, que trabalha pelo fim dos conflitos na África.

GRANFEIRA

Soluções completas para reformar e construir você encontra aqui.



DOCOL
DUCHA HIGIÊNICA
CITY
Cromado, 499306
239,90



DOCOL
CHUVEIRO TECHNOSHOWER
Cromado, 00306606
359,90



DOCOL
ACESSÓRIOS
PARA
BANHEIRO
SQUARE
COM ATÉ
10%
DE DESCONTO
Preço da etiqueta já com desconto



NAS COMPRAS
ACIMA DE R\$ 500,00
EM PRODUTOS
DOCOL
MISTURADOR MONOCOMANDO
LAVATÓRIO CHROME
Bica Alta, Cromado
899,90



DOCOL
MISTURADOR
MONOCOMANDO
LAVATÓRIO CHROME
Bica Alta, Cromado
899,90

TUDO EM ATÉ
24X
IGUAIS NO
CARTÃO TELHANORTE
PARCELA MÍNIMA DE R\$ 20,00

GARANTIA
DO MENOR PREÇO*

VENDEDORES
QUALIFICADOS

LOJAS
AGRADÁVEIS

Telhanorte



Ofertas válidas de 20/10/2013 a 27/10/2013 para todas as lojas Telhanorte do Estado de São Paulo (exceto Presidente Prudente)

www.telhanorte.com.br

Garantimos a quantidade mínima de 5 unidades, 100 ml ou 180 L. Reservamos o direito de limitar por cliente a quantidade dos produtos anunciados. Parcelamento no Cartão Telhanorte: *1: Os pagamentos podem ser parcelados em até 8 vezes sem juros mediante parcela mínima de R\$ 100,00 ou 9 ou 10 vezes sem juros, mediante parcela mínima de R\$ 250,00. *2: Os pagamentos parcelados em até 24 vezes sem juros, mediante parcela mínima de R\$ 20,00. A taxa de juros aplicada no parcelamento em 24 vezes é de 1,99% a.m. + C.F. Para mais informações sobre parcelamento, consulte o stand da financeira na loja. Consulte o CET (Custo Efetivo Total) no momento da contratação. *3: Telhanorte-Garante, consulte regulamento completo na loja. Fotos apenas para efeito ilustrativo. Preço do frete não incluso nos preços anunciados.

